

Recordar Jorge Sampaio

Recordar Jorge Sampaio, hoje, é também sublinhar um trajeto político singular que acompanhou mudanças cruciais da sociedade portuguesa.

Carlos Gasparⁱ, João Bonifácio Serraⁱⁱ, Jorge Simõesⁱⁱⁱ, José Gameiro^{iv} e José Pedro Castanheira^v | *Público* | 18 de setembro de 2022

Passa hoje o 83.º aniversário do nascimento de Jorge Sampaio. Lembrá-lo, quando a guerra se instalou na Europa e uma nova vaga de refugiados nos interpela, ganha uma premente atualidade.

Os últimos anos da sua vida dedicou-os a esse combate justo e solidário pelo acolhimento de refugiados – a Plataforma Global de Assistência a Estudantes Sírios –, depois de um capítulo brilhante de ação internacional como Enviado Especial do Secretário-Geral da ONU para a Luta contra a Tuberculose e, mais tarde, como Alto Representante para a Aliança das Civilizações, um cargo igualmente de nomeação do secretário-geral da ONU.

A sua experiência internacional, então particularmente valorizada, tinha antecedentes: da Câmara Municipal de Lisboa, na primeira metade da década de 1990, à Secretaria de Estado da Cooperação, em 1975, da representação na Comissão Europeia dos Direitos do Homem, entre 1979 e 1984, à vasta e complexa ação externa durante os seus mandatos presidenciais (adesão à Europa dos Estados resultantes da desagregação do bloco de Leste, adoção do euro, transição de Macau para a soberania chinesa, processo independentista de Timor-Leste). Intervenções que cimentaram a sua perceção da importância decisiva dos dispositivos de mediação internacional.

Recordar Jorge Sampaio, hoje, é também sublinhar um trajeto político singular que acompanhou, refletindo-as e nelas repercutindo as suas próprias opções, mudanças cruciais da sociedade portuguesa.

O primeiro momento significativo desse percurso foi a liderança do movimento estudantil lisboeta em 1961/62. Um jovem político de palavra arrebatadora, coragem moral e capacidade rara de fazer pontes entre perspetivas ideológicas distintas, tornou-se o símbolo das aspirações de liberdade de um grupo social emergente na sociedade portuguesa – os estudantes.

O segundo momento foi o das eleições de 1969. Um ciclo novo precipitado pelo estertor do salazarismo e pela tentativa frustrada de conduzir uma transição do interior do regime. Sampaio protagonizou uma leitura autónoma desse processo: sem deixar de explorar as possibilidades da unidade da Oposição, foi o rosto de uma visão moderna e matizada da sociedade portuguesa que trouxe à política novos atores, como os católicos

de esquerda, e novas análises, como o marxismo não comprometido com a ortodoxia leninista. Nas vésperas do 25 de Abril, católicos de esquerda e socialistas independentes tinham delineado um caminho próprio, tanto na abordagem da construção da democracia como na questão nuclear da guerra colonial. Distinguiam-se na avaliação do impasse liberalizador conduzido por Marcello Caetano e do potencial detonador que a guerra teria nos equilíbrios de poder no regime autoritário.

Os caminhos de Jorge Sampaio na Revolução e na institucionalização da Democracia também merecem ser recordados. Apostado no aprofundamento da análise do processo de transição, no qual avultava a questão das relações entre o Movimento das Forças Armadas e os partidos, delimitou um campo de intervenção política do socialismo independente, enquanto consciência crítica e inteligência mediadora à esquerda. Eles conduziram, sem sobressalto, a uma integração do Partido Socialista, em 1978, de que seria secretário-geral em 1988, depois de ter sido deputado e líder parlamentar.

Em 1989, uma decisão surpreendente recolocou-o, porém, na sua pista singular. Após a recusa de diversas figuras do PS, apresentou a sua própria candidatura à Câmara de Lisboa, até então governada por uma coligação PSD-CDS. Feito único até então foi ainda a celebração de uma improvável coligação do PS com toda a esquerda – do PCP aos maoistas da UDP e aos trotskistas do PSR – que sustentou essa candidatura.

O exercício da presidência da Câmara de Lisboa, onde se empenhou na preparação e lançamento de grandes projetos de revivificação da cidade e de modernização urbanística, revelou um operador político de visão prospetiva e um inspirador de boas práticas e convergências ousadas. Foram porventura essas capacidades reveladas a uma nova escala que lhe abriram as portas da Presidência da República, em 1996.

O eleitorado consagrava então, para suceder a Mário Soares, um político de perfil sóbrio, mas não distante, com um entendimento sólido do lugar de equilibrador do sistema político semi-presidencial.

Recordar Sampaio é destacar, a traços largos, alguns aspetos revelados nos seus dois mandatos: o exigente critério no exercício dos seus poderes arbitrais; a iniciativa política visando o diálogo institucional e a mobilização dos cidadãos para a participação; a reflexão propositiva sobre os novos desafios às Forças Armadas e as suas missões internacionais; a integração no discurso presidencial de temas novos ou esquecidos, desde o lugar da mulher à saúde e à toxicodependência, à educação e à inovação, à cidade, à promoção do espaço público. A sua condição de antigo autarca foi essencial, não apenas na defesa da descentralização, como nas rotas de proximidade que percorreu por todo o território. Foi um dinamizador do impulso reformista contra o Estado centralizado, pela transparência da vida política e pelo prestígio e autoridade do Estado.

Imediatamente após o seu falecimento, a 10 de Setembro de 2021, foi publicado um livro em sua memória visando celebrar as suas qualidades humanas. Das cerca de duas centenas e meia de textos e imagens registadas ressaltam traços comuns. Era um homem reservado, sem deixar de ser cordial e, por vezes até, caloroso. Animado por

algum utopismo, que batizava de “otimismo da vontade”, jamais se desviava da honestidade intelectual. Era um patriota por inteiro, do seu país, da sua cidade, dos seus concidadãos. Nem por isso deixava de crer no destino europeu de Portugal e no seu contributo para um mundo mais relacional e fraterno.

Detestava o fanatismo e a intransigência. O autoritarismo e a presunção de autoridade revoltavam-no. Acreditava que no argumento residia mais força e na elegância mais eficácia que no punhal. Abominava a traição.

Enfim, o humor era um traço superior da sua personalidade. Sem dispensar a apreciação sobre os comportamentos, humanizava-lhe o juízo sobre as fraquezas humanas.

Claro que também se indignava. Mas sabia temperar a indignação com a empatia e a tolerância.

A delicadeza ocultava por vezes uma espécie de melancolia, como quando os olhos se marejavam perante o sofrimento alheio. Por ela se insinuavam as suas palavras, nunca regateadas, de conforto dirigido ao seu interlocutor. Nunca se lhe viu um gesto cujo destinatário não fosse uma pessoa concreta, no respeito integral da sua individualidade.

Há um ano, despedimo-nos de Jorge Sampaio. Nos rostos e nas palavras de então, ecoou o reconhecimento generalizado a um político, um estadista e a um homem de exceção.

<https://www.publico.pt/2022/09/18/opiniao/opiniao/recordar-jorge-sampaio-2020939>

ⁱ assessor político de Jorge Sampaio (J.S.)

ⁱⁱ chefe da Casa Civil de J.S.

ⁱⁱⁱ consultor para a Saúde de J.S.

^{iv} amigo de J.S.

^v biógrafo de J.S.